

IMAGENS DE DEVOÇÃO DAS CARMELITAS DESCALÇAS: O CONVENTO DE SANTA TERESA NO RIO DE JANEIRO

Célia Maia Borges

Doutora em História pela UFF.
Professora do Programa de
Pós-graduação em História da
UFJF/MG.
celiarmb@yahoo.com.br

Resumo: As imagens devocionais presentes no convento de Santa Teresa, das Carmelitas Descalças, no Rio de Janeiro, seguem um programa iconográfico, que tem por modelo muitas das devoções da líder espiritual da ordem reformada. Teresa de Ávila tinha predileção por determinadas imagens que se tornaram guias para as várias casas conventuais. No século XVIII, Jacinta de Jesus, responsável pela fundação do Convento, investiu também no culto das imagens de devoção da ordem carmelita. Além das orientações da vida conventual ditadas pela mestra, Jacinta de Jesus e suas seguidoras abraçaram um plano iconográfico no qual as imagens serviram de auxílio para os seus exercícios espirituais.

Palavras-chave: imagens, Convento de Santa Teresa; Jacinta de São José.

O convento de Santa Teresa: o sonho de Jacinta de São José¹

O convento de Santa Teresa das carmelitas descalças no Rio de Janeiro foi edificado no século XVIII, fruto da vontade e perseverança de uma mulher leiga, Jacinta Pereira Alves, natural e residente nesta cidade, filha de uma importante família de colonos que nutria o sonho de criar uma casa religiosa, de orientação teresiana, sendo ela, de fato, a responsável pelo início do Carmelo Descalço feminino na Colônia². Com o apoio do governador da Província, Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadela, a beata investiu esforços para a edificação do Convento de carmelitas descalças nas encostas do Morro do Desterro, atual bairro de Santa Teresa, próximo aos Arcos da Lapa, dando início ao empreendimento em 1750.

Madre Jacinta de São José, como ficou conhecida, teve contato com o ideário teresiano, juntamente com sua irmã, e sonhou em criar uma casa religiosa nos moldes das obras de Teresa de Ávila. Antes da edificação do convento, afastou-se da casa paterna em 1742 acompanhada pelo seu meio-irmão e uma criada

e foi viver numa casa isolada, na Chácara da Bica, que adquiriu para esse fim. Já então influenciada pela espiritualidade ascética e mística, abraçou uma vida de extrema pobreza, procurando adequar-se às regras do Carmelo de Santa Teresa, ainda que permanecesse como leiga no recolhimento da Chácara. Com o objetivo de constituir um Convento Carmelita Descalço, requereu autorização do então bispo da diocese D. Fr. João da Cruz, Carmelita Descalço, que prometeu interceder junto de Roma e da Coroa Portuguesa³. Ainda que sem a autorização real e papal, Jacinta obteve do bispo o consentimento para receber postulantes em seu recolhimento, que passaram juntar-se a ela e à sua irmã, que também já lá se encontrava. O governador Gomes Freire de Andrade, então atraído pela fama de santidade de Jacinta, resolveu ajudar na consolidação do projeto da beata e investiu na edificação do convento, ao lado da antiga ermida, de Nossa Senhora do Desterro⁴. Contudo a saída do bispo carmelita Fr. João da Cruz da diocese e a entrada de outro beneditino, Dom Antônio de Desterro, criou embaraços ao projeto de Jacinta pois este deu sequência à obtenção da licença para criar uma ordem religiosa feminina, mas não do Carmelo Descalço e sim de Santa Clara. Recusando-se a adotar uma regra diferente da de Santa Teresa, Jacinta resolveu ir a Portugal para conseguir um novo breve e uma licença real⁵.



Figura 1 - Prisão de Jesus. Foto da autora.

A vida religiosa de Jacinta e a sua epopéia até alcançar a edificação do convento carmelita mostram até que ponto ela foi influenciada pela espiritualidade teresiana. Apesar do seu empenho em criar o convento que a obrigou a deslocar-se a Lisboa e a ser sabatinada por um oratoriano⁶, ela morreu sem obter a profissão canônica em virtude do bispo se recusar a professá-la. Ainda assim, Jacinta assumiu a vida monacal, redigiu a Constituição da nova casa religiosa a partir da Regra Carmelitana Reformada de Santa Teresa, se bem que acomodada à situação colonial, e adotou várias das imagens de devoção de Teresa de Ávila⁷. Por tal razão, cabe aqui fazer um parêntese para se conhecer um pouco da espiritualidade teresiana e o papel das imagens na condução de sua vida religiosa.

As imagens na espiritualidade teresiana:

Teresa de Ávila construiu uma narrativa moldada em imagens. As suas experiências místicas, as suas incursões no caminho da alta espiritualidade, as visões e revelações foram todas elas

construídas a partir de imagens. As suas buscas espirituais exigiam a presença destes elementos religiosos. Em contraste com alguns escritos da época que defendiam o abandono das imagens no exercício da meditação para se alcançar a via unitiva, Teresa de Jesus, pelo contrário, reivindicava a força e o poder das imagens para facilitar o caminho espiritual; aconselhava a meditar na Paixão de Cristo para se chegar a Deus. Ao empreender sua jornada na reforma do Carmelo, a reforma do Carmelo projetou nos conventos seu imaginário religioso. O sentido estético dava apoio à seu percurso espiritual ao recorrer às imagens literárias para registrar a memória do seu caminho interior⁸. Ao defender o valor das imagens em sua experiência espiritual, ela difundiu pelos conventos por si criados os santos de sua predileção. Teresa de Jesus insistia sobre a necessidade do culto à Santa Humanidade de Cristo, em vários momentos de seus escritos, como *no Livro da Vida*, capítulos 12, 24, 28.

Émile Mâle bem evidenciou que a humanização das imagens dos santos adquiriu força nos séculos XIV e XV⁹. Não só a Virgem e os santos, mas o próprio Cristo, se destacaram no conjunto iconográfico deste período¹⁰. O corpo de Jesus seria representado com realismo, com ênfase em suas feridas, projetando em minúcias o sofrimento de Cristo. Graças principalmente ao trabalho dos franciscanos que na Baixa Idade Média deram ênfase ao padecimento de Cristo a caminho do Gólgota, as chagas impressionavam os espíritos, e a dor constantemente evocada despertava nos fiéis a lembrança do calvário e da morte. O movimento conhecido como *devotio moderna* emprestou relevo à figura de Cristo e à necessidade de devoção à sua humanidade. Os caminhos espirituais vindos da Idade Moderna, herdeiros do período anterior, fizeram da meditação e do mistério da Cruz pontos de exaltação e, como tal, contribuíram para fortalecer a devoção. Os séculos XVI e XVII conheceram desta maneira uma predileção plástica pelo calvário de Cristo, bem como a reafirmação de uma pastoral espelhada na paixão de Cristo. A representação iconográfica de Jesus sofredor atraía literatos, artistas, religiosos e ainda pessoas de todos os segmentos sociais para os dramas sacros¹¹.

É assim que Teresa de Ávila no final do século XVI, ao evocar e apoiar a sua espiritualidade às imagens, atualizou o imaginário do seu tempo e dos séculos precedentes. A imagem converter-

se-ia em instrumento capaz de propiciar a meditação e colocar o fiel no caminho de união com Cristo.

As imagens de devoção no convento

No convento de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, a Madre Jacinta de São José foi guiada pela preocupação de dar continuidade às orientações da mestra. Por ser um requisito fundamental para os Carmelitas Descalços, a temática da Paixão tornou-se objecto de uma particular veneração no convento. As imagens de Cristo em sua flagelação, que se podem ver no segundo andar do convento em nichos dedicados aos Passos da Paixão, servem de meditação às irmãs. Santa Teresa, ela própria, realçava a importância das imagens representativas do sofrimento de Cristo ao narrar uma das suas experiências frente a uma dessas esculturas:

Aconteceu-me de, entrando um dia no oratório, ver uma imagem guardada ali para certa festa a ser celebrada no mosteiro. Era um Cristo com grandes chagas que inspirava tamanha devoção que eu, de vê-Lo, fiquei perturbada, visto que ela representava bem o que Ele passou por nós¹².

A imagem *Ecce Homo*, mais do que qualquer outra, constituía o objecto da sua predileção, como relata no seu *Livro da Vida*, pois foi diante desta representação que o «Senhor começou a despertar a sua alma». A imagem exhibe o momento em que Jesus, chagado e muito ensanguentado, é apresentado por Pôncio Pilatos no balcão do Pretório à multidão, daí a importância e o papel central do *Ecce Homo* nos conventos das Carmelitas Descalças a partir do século XVI. Baseada nos escritos bíblicos de São João (19,1-6), a representação relata o momento em que Cristo, depois de ser açoitado a mando de Pilatos, é cingido pelos soldados com uma coroa de espinhos e sobre ele lançado um manto púrpura com que é apresentado à multidão. São sete no total as imagens desta coleção e todas auxiliam desde o século XVIII as religiosas na meditação sobre o sofrimento de Jesus Cristo nos Passos da Paixão¹³.

A primeira meditação tem lugar à frente de uma imagem de roca que expõe Cristo ajoelhado diante de um anjo, e evoca o momento em que Jesus se encontrava no Horto após a Ceia quando lavou os pés dos seus discípulos, e quando se colocou à «disposição do seu



Figura 2: Cristo na Coluna. Foto da autora.

Eterno Pai». Realizada a primeira meditação, as religiosas seguem em procissão para o segundo Passo, onde há uma imagem de roca que representa a «Prisão de Jesus». (FIG.1) A meditação concentra-se no encontro de Jesus com os seus algozes guiados por Judas que o identifica para que o possam prender, e recorda o padecimento de Jesus pelo «amor aos homens a quem queria libertar». No terceiro Passo, as religiosas meditam diante da imagem de Cristo flagelado, cuja descrição o mostra amarrado a uma coluna, completamente martirizado. A imagem de Jesus Cristo na coluna, chamada de Flagelação, é de tamanho próximo ao natural, com Cristo de pé atado pelas mãos a uma coluna situada no seu lado esquerdo, tendo a cabeça pendida para a direita enquanto olha para baixo (FIG. 2). O quarto Passo da meditação centra-se na vivência de Cristo que, após ter sido sentado em pedra fria, é coroado com setenta e dois espinhos ao mesmo tempo que, suportando todos os desprezos e zombarias, lhe colocam nas mãos uma cana e o cobrem de insultos e escárnios, acusando-o de ser um falso Deus. A meditação decorre em frente a uma imagem de Jesus Cristo da Paciência, ou da Humildade, que o representa sentado sobre um bloco de pedra, com lacerações e sangramento por todo o corpo, descalço, com um manto vermelho e uma coroa de espinhos. O quinto Passo é em frente à imagem do *Ecce Homo*, quando Pilatos apresenta Cristo ao povo, como já foi acima mencionado. A escultura presente no convento de Santa Teresa, em madeira entalhada, de tamanho próximo ao natural, de origem portuguesa, conserva todos os atributos, com Cristo ensanguentado, uma coroa de espinhos e um manto vermelho¹⁴.



Figura 3: Cristo a Caminho da Cruz.
Foto da autora.

A meditação do sétimo Passo ocorre em frente à uma imagem de roca, também localizada no segundo andar, na Capelinha dos Passos, em que apresenta uma estátua de Cristo semi-ajoelhado, transportando aos ombros uma pesada cruz. A imagem próxima do natural, de provável origem portuguesa, do séc. XVIII, guarda um grande realismo (FIG. 3). As religiosas lembram o sacrifício de Cristo e os seus últimos momentos quando este implora perdão ao Pai. A Semana Santa é para as religiosas um momento de recolhimento, reflexão e oração sobre o Calvário do Senhor. As meditações perduram desde a época de Jacinta de São José.

Outra imagem de destaque no Convento é a Cruz com Jesus Crucificado, datada do século XVIII, de grandes dimensões. Jesus reflete uma expressão de grande sofrimento, com abundantes lacerações e sangramentos, com a cabeça tombada para a frente

e presa por três cravos. Situa-se num local do convento denominado «catacumbas», isto é, o cemitério onde são sepultados os corpos das falecidas. Não há nenhum registro na casa conventual sobre a autoria da imagem, mas, ao que tudo indica, parece ser de origem lusitana. É de notar que a cruz trabalhada e em jacarandá, tem uma base ricamente ornada com detalhes em marfim, tartaruga e madre-pérola e, inclusive, com temas relativos à vida de Cristo.

De grande valor entre as devocionais das religiosas são as imagens do Menino Jesus. O culto à representação da infância de Cristo adquiriu força na Baixa Idade Média e por obra dos franciscanos recebeu uma atenção especial enquanto imagem isolada, de tal forma que no período da Contrarreforma ganhou força com o trabalho de exaltação da humanidade de Cristo¹⁵. No final do século XVI a devoção ao Menino Jesus já se encontrava bastante difundida.

A oferta de uma estátua do Menino Jesus ao mosteiro de Villanueva de la Xara por Teresa de Ávila abriu as portas a uma tradição: cada vez que numa casa conventual se criava uma nova fundação doava-se uma imagem do Menino Jesus¹⁶. Dentre as várias representações deste tipo que se encontram no convento das Carmelitas do Rio de Janeiro, uma merece particular atenção, tendo em conta a grande devoção que a cerca. Trata-se de uma imagem esculpida em madeira, do século XVIII, situada no ante-côro de baixo e é denominada pelas freiras como Menino Jesus Fundador (FIG. 4). A imagem pertenceu à fundadora que a levou de sua casa para a Chácara e, mais tarde, para o convento. Ainda hoje é utilizada para receber as novas postulantes à vida religiosa.



Figura 4: Menino Jesus Fundador.
Foto da autora.

As imagens do Desterro, com a família em fuga para o Egito, merecem igual relevo na iconografia carmelita. O conjunto que mostra José com seu cajado, acompanhado de Maria e do Menino Jesus, é uma referência constante no convento. Dois conjuntos se destacam. As imagens, dispostas hoje na denominada capela do *Mistério da Fuga da Sagrada Família do Egito*, encomendadas pelo Conde de Bobadela (FIG. 5) e outro conjunto, do século XVII, provenientes da antiga ermida que ali existia e onde se edificou a atual igreja do convento.

Importa sublinhar que São José, no final do período medieval, início da Idade Moderna, teve um papel central, a par com a exaltação dos episódios relativos à infância de Cristo. Como lembra Tzvedan



Figura 5: *Imagens do Desterro*. Foto da autora.

Todorov, até ao fim do século XIV José não se achava integrado na galeria dos grandes santos da Igreja¹⁷. Objeto de culto popular, o pai adotivo de Jesus só viria a adquirir relevo a partir, sobretudo, da ação do teólogo e místico Gerson¹⁸ que se esforçou por valorizar este santo, quer através de inúmeros sermões, quer através de um notável poema em que narra a fuga do Egito. Gerson havia de canalizar ainda os seus esforços para que o Concílio de Constança reconhecesse os méritos de São José e o elevasse a uma condição superior à dos apóstolos¹⁹. As suas diligências, porém, não foram bem sucedidas, pelo menos imediatamente, porque os demais teólogos se recusaram a perfilhar a sua proposta. Não obstante, São José ganhou destaque em representações iconográficas da

época e é assim que aparece a cingir uma auréola nas *Três Belles Heures* de Juan de Berry, à semelhança de Maria e Jesus. Finalmente no século XVI São José ganha um lugar cimeiro no culto cristão e Jerónimo Gracián, um dos mentores espirituais de Santa Teresa, iria ele próprio compor um devocionário dedicado a São José, de grande circulação em toda a Europa²⁰.

Por isso, por ser apresentado agora em função das suas virtudes de pobreza, obediência e caridade tornar-se-ia desta forma uma referência para as novas ordens religiosas; e o lugar de relevo nos conventos explica-se pela preferência concedida por Teresa de Ávila à figura de São José, cuja grande devoção ela registra no seu *Livro da Vida*, capítulo 6.

Como não podia deixar de ser, duas esculturas gozam de destaque no convento, visto dizerem respeito a santas homenageadas: N. Sra. do Carmo e Santa Teresa. Apesar de não dispormos de documentação que nos faça luz sobre a histórias destas peças que se reportam ao século XVIII, é provável que Jacinta de São José, com a ajuda do governador, Gomes Freire de Andrade, as tenha encomendado em simultâneo para o convento (FIG. 6).

De Santa Teresa, promotora da reforma Carmelita no século XVI, existem várias imagens no convento. As obras escultóricas retratam Teresa de Jesus com seus atributos de escritora, ou seja, a segurar um livro aberto com a mão esquerda e uma pena à direita, a receber a mensagem do Espírito Santo. Esta representação é herdeira das imagens oriundas de Espanha, executadas para os conventos carmelitas.

As imagens presentes no convento do Rio de Janeiro seguem, em grande parte, uma matriz iconográfica comum às casas carmelitas. Em todas as casas carmelitas a Grande Mãe da ordem reformada recebeu um lugar de destaque nas capelas e nichos, juntamente com a imagem de Nossa Senhora do Carmo. Nesse sentido, Jacinta de São José, orientada pelos ideais teresianos e influenciada por Jacinta de São José, orientada pelos ideais teresianos e influenciada por sua espiritualidade, construiu o convento e dotou-o com várias imagens a fim de auxiliar o seu próprio caminho espiritual e os exercícios oracionais das religiosas do carmelito descalço no caminho da contemplação.



Figura 6: Nossa Senhora do Carmo.
Foto da autora.

Notas e Referências

¹ Agradeço a gentileza da irmã Maria Auxiliadora de Jesus pelas inúmeras informações que me prestou ao longo da pesquisa. Agradeço ainda à Madre Gisela por me ter permitido fotografar as imagens do convento.

² Sobre Jacinta de São José, ver o livro de Fr. Nicolau de São José, O.C.D, *Vida da Serva de Deus Madre Jacinta de São José, Carmelita Descalça, Fundadora do Convento de Santa Teresa do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Mendes Jr., 1935.

³ Segundo informações prestadas pela irmã Maria Auxiliadora, o grande responsável pela ajuda à Madre Jacinta foi o secretário do bispo, Fr. Manuel de Jesus.

⁴ A igreja do convento foi construída no mesmo lugar onde antes existira a antiga Ermida do Desterro, edificada por Antônio Gomes do Desterro. Sobre este santuário, ver de Frei Agostinho de Santa Maria, *Santuário Mariano*, tomos décimo e último, título V, «Da milagrosa Imagem de Nossa Senhora do Desterro». Lisboa Occidental: Na Officina de Antonio Pedrozo Galram., 1723, p. 18 (consultei a reedição lançada pelo INEPAC, RJ, ano de 2007).

⁵ Sobre o assunto, ver o livro de Leila Algranti. *Honradas e Devotas. Mulheres na Colônia*. RJ: José Olympio; Brasília: Edunb, 1993, pp. 314-320.

⁶ O bispo D. Antônio do Desterro enviou um documento à Coroa acusando Jacinta de impostora e alertava para a falsidade das suas visões. Junto remeteu uma cópia dos «Escritos de Consciência» de Jacinta, que estavam na posse do confessor da beata, o vigário da Candelária, padre Inácio Manuel da Costa Mascarenhas (Cf. Algranti, *op.cit*, p. 317).

⁷ Teresa de Ávila investiu na reforma do Carmelo. Com a ajuda de São João da Cruz iniciou um processo reformador que deu origem em 1568, aos Carmelitas Descalços [ou Teresianos].

⁸ FLORISOONE, Michel. *Esthétique et Mystique D'Après Sainte Thérèse D'Avila et Saint Jean de La Croix*. Paris, Éditions du Seuil, 1956, p. 74.

⁹ Ver a respeito os trabalhos de Émile MÂLE «L'Art Chrétien du Moyen-Âge» [Leçon D'Ouverture du Cours de L'Art Chrétien du Moyen Âge Faite à la Sorbonne le 8 Décembre 1906]; e *L'Art Religieux du XIIIe Siècle en France*. Paris: Armand Colin, 1986. Consultar ainda de Louis RÉAU, *Iconographie de L'Art Chrétien. Iconographie de la Bible. Nouveau Testament, tome II*. Paris: Presses Universitaires de France, 1957.

¹⁰ RANUM, Orest. «Os Refúgios da Intimidade». In: Philippe Ariès & Georges Duby (Dir.), *História da Vida Privada. Do Renascimento ao*

Século das Luzes, vol. 3, Lisboa, Edições Afrontamento, 1990, p. 238.

¹¹ TRENS, Manuel. *El Arte en La Pasion de Nuestro Señor*. Siglos XIII al XVIII - Barcelona: Catálogo de la Exposición... Ayuntamiento de Barcelona, 1945, p. 18.

¹² JESUS, Teresa de. «Livro da Vida», capítulo 9, 1. In: *Obras Completas*. São Paulo: Loyola, 1995, p. 66.

¹³ Informações retiradas da «Meditação dos Passos de Nosso Senhor Jesus Cristo», de uso interno no Convento de Santa Teresa. Agradeço à irmã Maria Auxiliadora ter-me facultado este texto.

¹⁴ As imagens dos Passos da Paixão, segundo o depoimento da irmã Maria Auxiliadora, ex-madre do convento, teriam sido doadas pelo então governador da capitania do Rio de Janeiro, António Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadela (1685-1763), e para o efeito encarregou-se da encomenda em Portugal um irmão do administrador colonial.

¹⁵ JUSTICIA SEGOVIA. «Niño Jesus de Gloria o Resurrección», in *Iconografía y Arte Carmelitanos*. Madrid: Turner Livros, 1991, p.72.

¹⁶ GÉLIS, Jacques. «O Corpo, a Igreja e o Sagrado». In: CORBIN; COURTINE; & VIGARELLO. (Dir.), *História do Corpo. Da Renascença às Luzes*, Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 50.

¹⁷ TODOROV, Tzvetan. *Elogio del Individuo. Ensayo sobre la Pintura Flemanca del Renacimiento*. Barcelona: Galaxia Gutenberg/Círculo de Lectores, 2006, pp. 50-51.

¹⁸ Giovanni Gerson, teólogo, místico e filósofo, nasceu em Reims em 1363 e morreu em Lione em 1429. Participou do Concílio de Costanza (1414), tendo assumido atividade de primeiro plano (Cf. «GERSON» In: MERCATI, Mons. Angelo & PELZER, Mons. Augusto (Dir.), *Dizionario Ecclesiastico*. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1955, p. 72.

¹⁹ TODOROV, *op. cit.*, p. 50.

²⁰ CASALILLA, Bartolomé Yun. «Imagem e Ideologia Social en la Europa del Siglo XVII. Trabajo y Familia en Murillo y Martínez de Mata». In: LLUÍS PALOS & CARRIÓ-INVERNIZZI. (Dir.), *La Historia Imaginada. Construcciones Visuales del Pasado en la Edad Moderna*, Madrid: CEEH, 2008, p.252